

## Brevidade da Vida

A página de trovas do nosso amigo espiritual Luciano dos Reis foi recebida no encerramento de nossa reunião pública. Ante o reinício do tempo, no ano novo,\* as conversações que nos precederam as tarefas versaram sobre a brevidade da existência humana.

Companheiros diversos se reportavam ao pesar por certas oportunidades perdidas, enquanto outros lançavam indagações sobre a significação do tempo em nossa vida.

No começo dos trabalhos **O Livro dos Espíritos** nos ofereceu a questão 992, dando motivos a justas reflexões.

\* Ano de 1973.

## Trova do Tempo

LUCIANO DOS REIS

Ensino que a vida insiste  
Em compor e recompor:  
— O tempo que faz o ódio  
É o mesmo que faz o amor.

A criatura sem tempo,  
Que não gasta o tempo em vão,  
Em tempo algum acha tempo  
Para ouvir a tentação.

Há quem não roube dinheiro,  
Nem vantagem parecida,  
Mas furta o valor do tempo  
Necessário à luz da vida.

Filosofia do tempo  
Em qualquer tempo e lugar:  
— Infeliz do coração  
Que não consegue esperar.

O tempo recorda a gleba  
Onde a mata se agiganta,  
Recebe qualquer semente,  
Dá tudo do que se planta.

Bondade, apoio, serviço,  
Resgate, atenção, dever...  
Nota que o tempo não pára,  
Não há momento a perder.

Ação é a mente por fora  
Que nos põe a vida em tela,  
Os outros nos fotografam,  
Depois o tempo revela.

Para encontrar a justiça  
Reflete no Eterno Bem...  
Deus dá tempo igual a todos,  
Não menospreza ninguém.

## Tempo de Viver

IRMÃO SAULO

Desde que o homem começou a pensar, a tomar consciência de si mesmo e do mundo, o problema do tempo o preocupou. Muitos equacionaram esse problema, mas ninguém o resolveu. O primeiro aforismo de Hipócrates aparece em latim na forma clássica de **Ars longa, vita brevis** que Camões repete neste verso: "Para tão curta vida, tão longa arte!" O simpósio espírita semanal de Uberaba teria também de enfrentar esse problema, mas agora dispondo da solução espírita.

O **Eclesiastes** afirma que Deus fez tempo para tudo. Em **A Gênese** de Allan Kardec, temos uma definição do tempo que nos mostra a sua relatividade. Esta concepção da relatividade do tempo se acentua na doutrina das vidas sucessivas, das existências palingenésicas que são solidárias entre si. Para cada existência, um determinado tempo — o tempo necessário à execução das tarefas que o espírito traz como sua incumbência inalienável na reencarnação.

Assim, o aforismo **Ars longa, vita brevis** corresponde apenas a uma visão limitada das coisas. Deus nos concede tempo para tudo, mas não nos exíguos limites de uma encarnação. Camões via a extensão infinita da arte, em que poderia criar sem cessar, mas se angustiava com o tempo exíguo de que dispunha. Não obstante, além dos limites existenciais ele poderia dispor do ilimitado da vida que se amplia na duração em termos de imortalidade. Assim como o dia é curto para a execução de um trabalho, mas podemos prolongá-lo com o dia seguinte, assim acontece na sucessão das encarnações.



As Filosofias da Existência nos reclamam atenção para o **aqui** e o **agora**, mas o existencialismo espírita, valorizando essas categorias no momento que passa, não se esquece de que já dispusemos do **ontem** e dispostemos do **amanhã**. No tempo anterior, no **ontem**, condicionamos o **aqui** e o **agora** à execução de determinadas tarefas e Deus nos concede **hoje** o tempo para isso. Se aproveitarmos bem o tempo concedido, ele não nos parecerá insuficiente. Se o esbanjarmos condicionaremos o **amanhã** a novas angústias de tempo.

E' assim que podemos entender os versos finais de Luciano dos Reis: **Deus dá tempo igual a todos / não menospreza ninguém**. Reclamamos do tempo o que devíamos reclamar de nós mesmos, pois o que nos falta neste momento corresponde exatamente ao que desperdiçamos ainda há pouco. Se aproveitarmos com inteligência e cuidado cada minuto que passa, veremos que Deus nos concedeu tempo para tudo o que temos realmente de fazer nesta vida.

# 3

FRANCISCO  
CÂNDIDO XAVIER

## Trovas em Resposta

Temos uma página recebida em nossa reunião pública, assinada por nosso amigo Cornélio Pires, hoje obreiro da luz e da bondade no Mundo Espiritual.

Há dias recebi carta de um companheiro que foi amigo pessoal dele na Terra, solicitando a sua opinião a respeito do suicídio. Durante a reunião lembrávamos do assunto, com vistas às nossas tarefas da noite.

Feita a prece inicial, **O Livro dos Espíritos** nos ofereceu para estudo a questão 943. Ao término da reunião o nosso amigo espiritual mencionado escreveu as trovas a que intitulou **Suicídio**.

**Nota** — a questão 943 de **O Livro dos Espíritos** é a seguinte:

**Pergunta** — De onde vem o desgosto pela vida que, sem motivos plausíveis, se apodera de alguns indivíduos?

**Resposta** — Efeito da ociosidade, da falta de fé e geralmente do fastio. Para aqueles que exercem as suas faculdades com um fim útil e segundo as suas aptidões naturais, o trabalho nada tem de árido e a vida passa mais rapidamente. Suportam as suas vicissitudes com tanto mais paciência e resignação, quanto mais agem tendo em vista a felicidade mais sólida e durável que os espera.